

## *Everybody Lies: o estudo das emoções na série Lie To Me*

Fernando Gomes & Valquiria Michela John

Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: fernandogomess@gmail.com / vmichela@gmail.com

### **Resumo**

A televisão coloca seus telespectadores em contato com diferentes filosofias, estudos e tendências. Principalmente a partir da década de 2000, os Estados Unidos, principais produtores do formato seriado, apostaram com mais fervor na inserção de conteúdo científico para o desenvolvimento de roteiros. Nesse contexto, em 2009 estreava na Fox norte-americana a série *Lie To Me*: um drama poli-

cial baseado em estudos contemporâneos sobre comunicação não-verbal. O objetivo desta pesquisa é proporcionar uma reflexão sobre o estudo das emoções, elaborado por Paul Ekman, refletir sobre a relevância da televisão como divulgadora de ciência e investigar, através da análise de conteúdo, se *Lie To Me* oferece contribuição na divulgação científica.

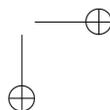
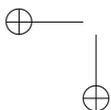
Palavras-chave: ficção seriada, *Lie To Me*, Paul Ekman, divulgação científica.

### **Abstract**

Television puts its viewers in touch with different kinds of subjects, philosophies, studies and tendencies. The American TV shows, especially from 2000 to 2010, had more scientific content on their screenplays. In this context, in 2009, the American network FOX premiered *Lie To Me*, a

drama series based on contemporary studies on non-verbal communication. This research wants to provide a reflection on the Paul Ekman's studies of emotion, to reflect on television as a tool for science dissemination and investigate if *Lie To Me* offers any contribution on this matter.

Keywords: serialized fiction, *Lie To Me*, Paul Ekman, science dissemination.



## Introdução

NA década de 2000, mais especificamente a partir de 2001, a televisão norte-americana iniciou um processo de valorização criativa de seus produtos ficcionais. Começaram os investimentos em roteiristas, diretores, atores e outros profissionais<sup>1</sup> que elevaram as séries de TV ao nível de qualidade do cinema *hollywoodiano*. Nesse mesmo período, os produtos televisivos passaram a apostar mais fortemente na utilização de conteúdos científicos em seus roteiros. Na década de 1990, se destaca nesse quesito a série *Arquivo X*<sup>2</sup>, que misturava ciência, drama e investigação, uma fórmula muito reaproveitada e reformulada com o passar dos anos. Com *C.S.I.*<sup>3</sup>, o tema investigação foi trazido de volta para a televisão com doses de conteúdo científico e, aos poucos, os cientistas foram se proliferando em outras atrações.

Principalmente na segunda metade da década passada, a ciência e os cientistas forenses ficaram muito mais em evidência em séries como *Criminal Minds*, *The Mentalist*, *Bones*, *The 4400*, *Fringe* e *Lie To Me*, objeto de estudo desta pesquisa. Outros gêneros absorveram a ideia de ter a ciência como pano de fundo para seus acontecimentos, como é o caso do drama médico *House*, a *sitcom* *The Big Bang Theory*, e os dramas de ficção científica *Battlestar Galáctica* e *Lost*.

O recurso de aliar ciência e ficção nos conteúdos televisivos, embora seja uma tendência que se expandiu na década passada, não é uma ideia recente. Basta citar o caso clássico de *Star Trek*. Criada em 1966, é talvez uma das primeiras a entender e explorar o potencial científico na televisão e, posteriormente, no cinema, pois se fixou como uma das franquias de maior sucesso de

1. O crescente interesse pela televisão foi responsável pela migração de profissionais do cinema para a televisão. É o caso dos atores Ralph Fiennes, Samuel L. Jackson, Sally Field, Alec Baldwin e Kiefer Sutherland.

2. Série criada por Chris Carter e exibida pela Fox de 1993 a 2002. Era centrada em dois agentes do F.B.I., Fox Mulder e Dana Scully, que investigavam conspirações governamentais e casos ditos sobrenaturais. Enquanto Scully apresentava uma postura cética, Mulder tinha mais facilidade em acreditar nos fenômenos que presenciava. Essa diferença de perfil dos personagens serviu de base para aprimorar o formato investigativo das séries ao longo dos anos.

3. Sigla para *Crime Scene Investigation*. A série do canal CBS estreou em outubro de 2000 e foi um dos principais programas da emissora, se mantendo por muitos anos como a série mais vista dos Estados Unidos.

vendas e locações. O padrão adotado em produções recentes, e também em *Star Trek*, é a fuga de uma ciência fantasiosa e impossível, em que se observa cada vez mais a busca de uma ficção com tom de veracidade e possibilidade, fatores esses que poderiam justificar o crescimento da audiência e a ampliação dos investimentos.

No Brasil, os seriados começaram a se proliferar de maneira discreta na televisão aberta, principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990. Nesse período, ocupavam uma pequena porcentagem da programação e, com o tempo, foram se fixando no imaginário e no cotidiano de seus telespectadores. Na segunda metade dos anos 2000, os canais abertos brasileiros conseguiram bons índices de audiência ao inaugurarem suas faixas de séries. O primeiro episódio de *Lost*, exibido na Rede Globo em fevereiro de 2006, rendeu 29 pontos no Ibope apenas na grande São Paulo<sup>4</sup>. Na Record, o sucesso foi com *C.S.I* que, em 2010, atingia a média de 12 pontos, dois a mais do que a novela “Ribeirão do Tempo”, veiculada no horário nobre<sup>5</sup>. Em 2009, a exibição de *Supernatural*, no SBT, competia com a novela das 21h da Rede Globo e conquistava a média de 10 pontos no Ibope, em um aumento de 110% nos números de audiência da emissora no horário<sup>6</sup>.

Após 2004, com a estreia de *Lost*, a maneira de assistir televisão passou por um processo de revisão, afinal, os seriados passaram a ser popularizados com mais fervor via internet logo ao término de sua exibição nos Estados Unidos. Esse foi um fator que colocou em xeque o procedimento de exibição desse tipo de programa nos canais de TV a cabo no Brasil. Os seriados oferecem uma alternativa para os que não se identificam com a telenovela, principal forma de ficção seriada brasileira. Seja através de *downloads* ou locações, na TV aberta, a cabo ou nas telas dos computadores, as produções importadas são cada vez mais um sucesso inegável.

Em janeiro de 2009, a Fox, uma das maiores redes de televisão dos Estados Unidos, estreou em sua programação a série *Lie To Me*. Seu episódio piloto foi assistido por, aproximadamente, 13 milhões de telespectadores, de acordo com o Nielsen, instituição que mede a audiência nos EUA. O programa chegou ao Brasil em setembro do mesmo ano, também pela Fox e estreou na Rede Globo em março de 2011. Nos Estados Unidos, a série teve seu último

4. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br).

5. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br).

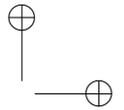
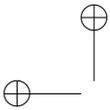
6. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)

episódio exibido em 31 de janeiro de 2011 e foi cancelada pela emissora em sua terceira temporada, com o motivo de baixa audiência.

A maior parte da série é baseada nos estudos do psicólogo norte-americano Paul Ekman, que dedicou boa parte de sua vida ao estudo das emoções e da linguagem não-verbal. Em *Lie To Me*, o personagem principal é Cal Lightman, interpretado pelo ator Tim Roth. O cientista, que foge da figura estereotipada do homem de jaleco branco no laboratório, possui uma postura cética e ácida a respeito da realidade, defende que a verdade não precisa ser dita, pois está escrita em nossa fisionomia. Sua colega, Gillian Foster (Kelli Williams), além de sócia de Cal, é psicóloga e atua como parceira de investigação.

O time de especialistas do *Lightman Group* é composto também por Eli Loker (Brendan Hines) e Ria Torres (Mônica Raymund). O primeiro é um estudante graduado no *MIT* e se junta ao time de cientistas para aprender as técnicas de leitura corporal. A segunda é agente de segurança de um aeroporto e termina como protegida de Cal Lightman, por possuir o dom natural de observação de pessoas. Os quatro personagens se dividem em duplas e, a cada episódio, utilizam a linguagem corporal como uma das fontes para a resolução dos casos. O estudo das emoções também é aplicado, sendo o foco desta pesquisa, que teve como objetivo analisar como ocorre a divulgação do conteúdo científico relacionado aos estudos do psicólogo Paul Ekman na série.

Foram selecionados e analisados cinco episódios da primeira temporada de *Lie To Me*, sendo quatro da primeira metade e um da segunda metade. A primeira temporada é composta de 13 episódios que foram exibidos pela Fox de 21 de janeiro a 13 de maio de 2009. Os episódios eram exibidos semanalmente e possuíam uma duração média de 40 a 44 minutos, sem comerciais. A escolha dos episódios do primeiro ano da série se deve ao fato de que existe uma preocupação em explicar, de maneira sintética, os assuntos relacionados às expressões faciais. Trata-se de uma tentativa de aproximar os telespectadores do tema e de fixar a série como produto, sendo assim, há melhor aproveitamento dos estudos de Paul Ekman. Este artigo é, entretanto, um recorte da pesquisa em que se buscou comparar a teoria elaborada por Paul Ekman à veiculada no seriado. Devido à limitação de espaço, aqui apresenta-se somente a análise do episódio piloto.



## O estudo das emoções

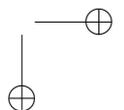
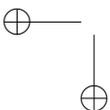
Para entender os princípios básicos que envolvem a expressão de uma emoção, basta pensar em ações que estão fora do controle da vontade. É involuntário, por exemplo, salivar diante de um prato apetitoso ou controlar a ação do sistema nervoso quando os batimentos cardíacos e a circulação do sangue se alteram em momentos de tensão. As emoções funcionam da mesma maneira, tendo início a partir de estímulos internos ou externos em que o sistema nervoso se altera e conduz energia aos músculos do corpo como forma de alívio. Essa energia, quando descarregada, culmina na expressão de sinais que denotam o estado de espírito no qual um indivíduo se encontra. Se há alguma tentativa de controle destes sinais, a artificialidade da expressão se torna evidente. Esses sinais atuam como indicadores de que o corpo contradiz as palavras.

Charles Darwin pode ser creditado como o primeiro cientista a reunir informações relevantes sobre os estudos relacionados a expressões faciais e às emoções. Suas observações valiosas sobre o tema culminaram em uma obra publicada em 1872<sup>7</sup>, que serviu de complemento para a teoria da evolução das espécies. A obra mais importante de Darwin tentou provar que todos os grupos humanos possuem as mesmas origens ancestrais. Quando teorizou sobre as emoções houve a tentativa de concepção de um estudo semelhante, defendendo que o desenvolvimento de uma consciência emocional ocorreu de maneira similar em todos os grupos humanos para fins de adaptação.

O trabalho de Darwin é baseado em hipóteses e observações, o que pode ser considerado um tanto controverso devido à falta de evidências científicas para provar o que ele examinava. Mesmo assim, Darwin coletou diversificados pontos de vista que serviram para fortalecer o que ele observava em seus filhos e nos animais que estudava. Os cientistas, fisiologistas, fisionomistas, botânicos, missionários, catequizadores e demais colaboradores ao redor do mundo, permitiram que o trabalho de Darwin fosse o mais apurado possível para a época e amplamente revisto quase 100 anos depois, por psicólogos como Paul Ekman.

Os primeiros estudos sobre emoções e expressões faciais foram impulsionados por fisiologistas como o escocês Sir Charles Bell, ainda no começo do

7. "A expressão das emoções nos homens e nos animais".



século XIX. Além de contribuir com estudos relacionados à neurologia e anatomia humana, o trabalho de Bell ajudou a fornecer a base para que Darwin iniciasse suas pesquisas.

Para James (1884, online) em “*What is an emotion?*”<sup>8</sup>, “o sistema nervoso dos seres vivos está predisposto a reagir de maneira particular mediante o contato com características específicas do ambiente.”<sup>9</sup>. Sendo assim, é possível inferir que os movimentos musculares da face resultam em uma expressão, que para muitos teóricos estão ligadas intimamente a uma emoção. Ekman (2007) concorda com James (1884) quando diz que “cada emoção gera um padrão único de sensações em nosso corpo”<sup>10</sup>. Para o fisiologista Pierre Gratiolet<sup>11</sup> (1865 apud Darwin, 2009, p.14)

[...] os sentidos, a imaginação e mesmo o pensamento, por mais elevado e abstrato que o consideremos, não podem ser exercidos sem despertar um sentimento correlativo; esse sentimento se traduz diretamente, simpaticamente, simbolicamente ou metaforicamente em todas as esferas dos órgãos exteriores, que o exprimem segundo seus modos próprios de ação, como se cada um deles tivesse sido diretamente afetado.

Darwin avalia os estudos de Gratiolet como complexos e interessantes, porém acredita que o mesmo não considerou os princípios da evolução, afinal Gratiolet entendia, assim como muitos outros autores, cada espécie como uma criação isolada. Para Darwin esse tipo de pensamento não permitiria progressos na investigação do tema.

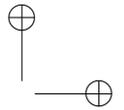
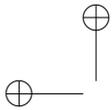
[...] Nos humanos, algumas expressões, como o arrepiar dos cabelos sob a influência de terror extremo, ou mostrar os dentes quando furioso ao extremo, dificilmente podem ser compreendidas sem a crença de que o homem existiu um dia numa forma mais inferior e animal. [...] Aquele que admitir que, no geral, a estrutura e os hábitos de todos os animais evoluíram gra-

8. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca>. Acessado em 16/09/2010.

9. Tradução livre.

10. Tradução livre.

11. Publicado no livro *De la physionomie et des mouvements d'expression* (Sobre a fisionomia e os movimentos de expressão), coleção de notas dos estudos feitos por Gratiolet sobre expressões.



dualmente, abordará toda a questão da expressão a partir de uma perspectiva nova e interessante. (Darwin, 2009, p. 21).

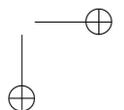
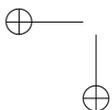
Desde o início de sua pesquisa, em 1838, Darwin estava propenso a discordar de Sir Charles Bell, já que o segundo compartilhava dos mesmos pensamentos de Gratiolet e acreditava que os músculos faciais foram criados efetivamente para transmitir emoções. As explicações insuficientes de Bell estimularam Darwin a crer que “parecia provável que o hábito de expressar nossos sentimentos por meio de certos movimentos, apesar de agora inato, foi de alguma maneira adquirido gradualmente” (Darwin, 2009, p.28). Mesmo considerando imperfeita a execução de suas próprias pesquisas, Darwin se propôs a buscar uma explicação racional para a origem da expressão dos sentimentos.

Para reforçar suas hipóteses, Darwin escolheu grupos específicos a serem pesquisados. Primeiramente, recorreu a colaboradores que lhe forneceram notas, por exemplo, sobre os aborígenes da Austrália, os maoris da Nova Zelândia, os daiaques de Bornéu e os índios da América do Sul, ou seja, culturas isoladas que não estavam inseridas no modo de vida europeu. A investigação de outras culturas serviria para provar a suposição de que as emoções são transmitidas essencialmente da mesma maneira por diferentes povos e etnias. Para isso, os colaboradores mostravam diferentes fotografias e era solicitado que uma emoção fosse atribuída ao que estava sendo visto. A observação de crianças, principalmente de seus filhos, também foi incluída na tese, devido a maneira vívida com que se expressam, e os doentes mentais, por manifestarem as emoções com ausência de controle.

Darwin mapeou expressões que estariam propensas a serem identificadas e interpretadas de maneira mais fácil. São elas: desgosto ou desdém, felicidade, medo, raiva, surpresa e tristeza. Seus sinais são claramente expressos na face humana por ação do sistema nervoso e, para ele, teriam surgido através da evolução e da herança genética.

Filósofos, neurologistas e, principalmente, psicólogos continuaram a expandir os estudos sobre emoção ao longo do século XX. A psicologia evolucionista tem em Robert Plutchik (1928–2006) um de seus nomes mais conceituados. Ele estudou oito emoções básicas e estabeleceu suas respectivas evoluções para outros estados emocionais.

Entre os principais psicólogos que estudaram os aspectos da emoção se destacam os norteamericanos Robert Zajonc (1923-2008) e Richard Lazarus



(1922–2002), que teorizaram sobre a relação entre afeto, cognição e emoções, bem como Magda B. Arnold (1903–2002), que produziu estudos sobre avaliação das emoções. Arnold, Lazarus e Zajonc são citados ao longo da obra de Paul Ekman como grandes contribuintes dos estudos da emoção.

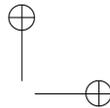
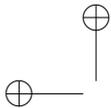
À frente dos estudos contemporâneos sobre emoções, expressões faciais e linguagem corporal, destaca-se o psicólogo e pesquisador norte-americano Paul Ekman. Ele se preocupou em desvendar o caráter evolutivo e comportamental das emoções e iniciou suas pesquisas ao final dos anos 1950, percorrendo países como os Estados Unidos, Japão, Brasil, Argentina, Indonésia, a ex-União Soviética e Papua Nova Guiné. Seu objetivo, além de contribuir para a revisão e o melhoramento das pesquisas já realizadas, era proporcionar um melhor entendimento da natureza das emoções, já que para o psicólogo elas determinam a qualidade das nossas vidas.

Nos trabalhos iniciais de Ekman prevalecia o interesse na pesquisa sobre linguagem corporal, portanto, foi apenas em 1965, a convite da *Advanced Research Projects Agency (ARPA)*<sup>12</sup> que o psicólogo foi procurado e financiado para liderar estudos transculturais sobre o comportamento não verbal. Assim surgiu o interesse nas expressões e, posteriormente, nos estudos sobre emoção.

O aprofundamento da pesquisa de Ekman está na leitura e interpretação de sinais faciais e a maioria de seus métodos baseia-se em experimentos científicos em pacientes psiquiátricos, indivíduos considerados normais, adultos e crianças de diferentes pontos do planeta. Como parte do estudo, também observou pessoas em telejornais da CNN e realizou experimentos em laboratório, nos quais estimulava, através de choque elétrico, os músculos envolvidos na expressão das emoções.

Os passos iniciais das pesquisas de Ekman muito se assemelham às de Darwin, porém, ele foi um pouco mais adiante em suas observações, que envolvem, entre outros aspectos, os motivos e os momentos em que os seres humanos se tornam emocionais e quais os mecanismos que disparam certas reações como raiva, tristeza, medo, surpresa, desgosto ou desdém e felicidade.

12. Unidade governamental do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Foi criada em 1957 e que hoje atua com o nome de DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency). Disponível em: [www.newscientist.com](http://www.newscientist.com). Acesso em 26/04/2011.



Ekman (2007, p.2) se opunha a Darwin e acreditava que as expressões eram “socialmente aprendidas e culturalmente variáveis”<sup>13</sup>, sendo assim, em um primeiro momento, não se preocupou em conhecer o trabalho do criador da teoria da evolução das espécies. Tomkins (1962 apud Ekman, 2007, p. XXI)<sup>14</sup> acreditava que as emoções motivam as nossas vidas e, assim como Darwin, postulou que expressões faciais são inatas e universais em nossa espécie, porém ele não tinha evidências convincentes que comprovassem essa informação. A dúvida sobre o caráter universal da expressão instigou Ekman a iniciar seus estudos, tomando como ponto de partida a seguinte pergunta: “as expressões são universais ou são como a linguagem, que são específicas para cada cultura?”<sup>15</sup> (Ekman, 2007, p.3).

Depois de percorrer alguns países mostrando fotografias de rostos e solicitando a atribuição de uma emoção, Ekman, assim como Darwin, recorreu a culturas isoladas, que possuíam pouco ou nenhum contato com o homem branco, a fim de sustentar sua pesquisa e estabelecer um comparativo.

Eu necessitava de uma cultura isolada, em que as pessoas não possuíssem contato com filmes, televisão, revistas ou pessoas de fora. Era preciso saber se eles atribuíam as mesmas emoções às minhas fotografias como as pessoas do Chile, Argentina, Brasil, Japão e Estados Unidos. (EKMAN, 2007, p.4)<sup>16</sup>

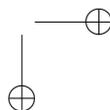
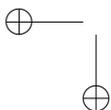
Ekman (2007, p.5) nos explica que o neurologista Carleton Gajdusek foi sua porta de entrada para as culturas isoladas, já que ele buscava a cura para uma doença batizada de *Kuru* e durante meses produziu imagens das tribos que visitava. As filmagens foram analisadas por Ekman durante seis meses e essa iniciativa foi decisiva para gerar conclusões sobre a universalidade das expressões. Foi constatado que em nenhuma das fitas analisadas havia expressões desconhecidas. Portanto, “se as expressões faciais são completamente aprendidas, então essas pessoas isoladas deveriam ter mostrado expressões

13. Tradução livre.

14. Silvan Tomkins (1911 – 1991) Psicólogo que contribuiu com os estudos de Paul Ekman, sendo considerado por ele uma espécie de mentor como cita no livro *Emotions Revealed* (Ekman, 2003, p. XVII).

15. Tradução livre.

16. Tradução livre.



novas, que não havíamos visto anteriormente. Não havia nenhuma”.<sup>17</sup> (Ekman, 2007, p.5)

Outra observação interessante que sustenta o caráter universal das emoções diz respeito às pessoas que nasceram com deficiência visual.

Se as expressões não precisam ser aprendidas, então os indivíduos que nascem com cegueira congênita deveriam manifestar expressões semelhantes a dos indivíduos sem deficiência visual. Uma série de estudos foram realizados nos últimos sessenta anos e, repetidamente, é isso que foi encontrado, especialmente em expressões espontâneas. (Ekman, 2007, p.14)<sup>18</sup>

Em todo seu tempo de pesquisa, o psicólogo mapeou mais dez mil movimentos faciais e identificou quais estavam relacionados às emoções. Seus estudos da face possibilitaram, em 1978, a criação do *Facial Action Coding System* (FACS)<sup>19</sup>, um sistema de medida computadorizado dos movimentos faciais. Através do FACS foram identificados os sinais faciais que revelam o momento que uma mentira é contada, possibilitando o desenvolvimento de um novo estudo, batizado por Ekman de microexpressões e definido como “(...) movimentos faciais muito rápidos, que duram menos de um quinto de segundo, [que] são uma importante fonte de vazamento, revelando a emoção que a pessoa está tentando dissimular. (EKMAN, 2003, p.15)<sup>20</sup>

A interpretação dos sinais que entregam uma mentira é um dos pontos mais altos da pesquisa de Paul Ekman, pois possibilitou um primeiro contato com agências governamentais norte-americanas e também de outros países, permitindo que sua pesquisa expandisse cada vez mais a partir da observação das emoções e expressões em assassinos, espiões e outros infratores.

Para Ekman (2007, p.15), a falsidade das expressões pode ser identificada facilmente, pois “[...] são ligeiramente assimétricas e não possuem suavidade na maneira que fluem no rosto”.<sup>21</sup> Os estudos da mentira, das emoções, expressões faciais e microexpressões serviram de base para o processo de criação do seriado *Lie To Me*, do canal Fox. Através de grande parte desses

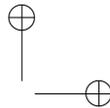
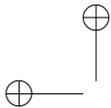
17. Tradução livre.

18. Tradução livre.

19. Tradução livre: Sistema de Codificação de Ações Faciais.

20. Tradução livre.

21. Tradução livre.



estudos, o personagem principal identifica a falsidade, a dissimulação, as expressões faciais, a linguagem corporal e quais são as emoções envolvidas em cada situação abordada nos episódios. A relação com agências governamentais é reproduzida na ficção, quando, no segundo ano, forma-se uma aliança com o FBI para a investigação policial.

## As principais emoções

Tanto Darwin, quanto Ekman apontam a existência de seis emoções básicas que determinam o comportamento emocional. Com a expansão da pesquisa de Ekman, foram estabelecidos detalhes relevantes que serviram para aprimorar a percepção de sinais. No caso de uma situação em que alguém demonstra surpresa, por exemplo, os sinais da face serão os mesmos em caso de surpresa positiva ou negativa, tudo depende do que se manifestará logo depois, sendo assim, a interpretação pode ser prejudicada caso o contexto não seja apuradamente observado.

Em “*Unmasking the Face*”<sup>22</sup> Ekman apresentou os resultados de alguns de seus estudos, apontando quais regiões da face são acionadas no momento em que uma emoção é sentida. Para ele, “[...] emoções aparecem primeiramente na face, não no corpo” (Ekman, 1975, p.21)<sup>23</sup>, o que reforça a hipótese de que a linguagem do corpo é uma reação secundária ao que surge primeiramente no rosto, afinal “[...] não há nenhum movimento específico do corpo que demonstre sinais de raiva ou medo, mas há padrões faciais específicos para cada emoção” (Ekman, 1975, p.21)<sup>24</sup>.

## Tristeza

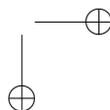
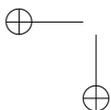
A tristeza está diretamente relacionada ao sentimento de perda, seja ela física ou emocional, em relações pessoais, profissionais ou sociais. Trata-se de um sentimento com duração prolongada, que pode permanecer, “pelo menos alguns minutos e mais comumente por horas ou até vários dias”<sup>25</sup> (Ekman,

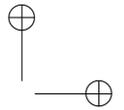
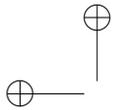
22. Disponível em: <http://avaxhome.ws>. Acessado em: 16/10/2010.

23. Tradução livre.

24. Tradução livre.

25. Tradução livre.





1975, p.128). Essa emoção, portanto, não surge imediatamente e obedece a uma cadeia de fatores, conforme explica Ekman, mediante a situação de uma mãe que teve a experiência de perder um filho após um atropelamento.

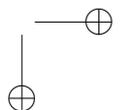
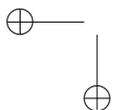
[...] sua reação imediata não será de tristeza. Será de angústia ou talvez choque e raiva misturados com angústia. A tristeza virá depois, horas ou provavelmente dias depois, quando você ainda estiver sofrendo a perda (...). Durante a angústia há uma luta contra a perda; durante a tristeza você está conformado com ela. (Ekman, 1975, p.129)<sup>26</sup>

Em 1872, Darwin já defendia que “[...] as feições de alguém que recebe uma notícia ruim ficam ‘caídas’” (2009, p.152). Ele também atribuiu a “elevação das extremidades internas das sobrancelhas e o rebaixamento dos cantos da boca” (Darwin, 2009, p.153), como fatores que caracterizam uma face triste. Essas suposições foram confirmadas por Ekman quando ele diz que “[...] as sobrancelhas são muito importantes e altamente confiáveis como sinais de tristeza” (2003, p.103)<sup>27</sup>. A figura 1 faz parte do livro *Unmasking The Face* (Ekman, 1975, p.135) e serve para ilustrar os sinais da face que expressam a tristeza.

---

26. Tradução livre.

27. Tradução livre.



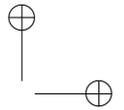
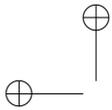
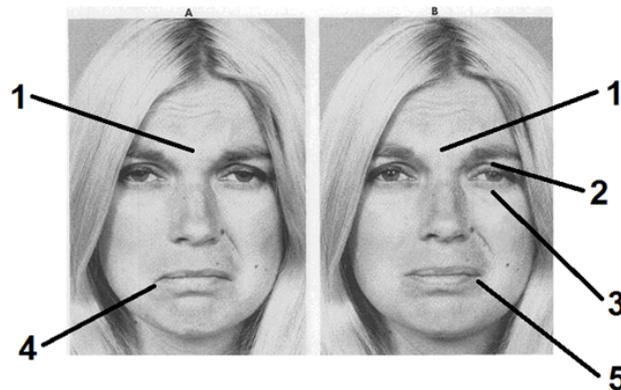


Figura 1 – Exemplo de Ekman para tristeza



Fonte: *Unmasking The Face* (1975, p.35)

Há três regiões da face que são acionadas no momento em que uma pessoa apresenta tristeza: as sobrancelhas, os olhos e a boca. Ekman define que

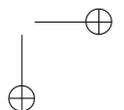
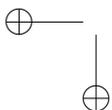
[...] os cantos internos das sobrancelhas ficam elevados e aproximados (1). Há elevação dos cantos internos da pálpebra superior (2) e a pálpebra inferior pode parecer levantada (3). As extremidades dos lábios são atraídas para baixo (4) ou os lábios parecem tremer (5) (1975, p.131)<sup>28</sup>

## Surpresa

Acontecimentos súbitos ou inesperados são os pontos de partida para que a surpresa seja vivenciada. A ação facial possui duração instantânea, por este motivo, essa emoção é classificada como “[...] a mais breve das emoções”<sup>29</sup> (Ekman, 2007, p.148). Tendo em vista sua rápida passagem, a surpresa é

28. Tradução livre.

29. Tradução livre.

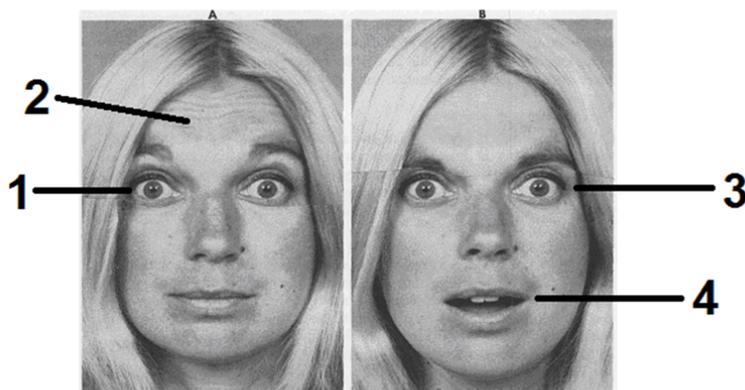


imediatamente seguida por outra emoção. “A surpresa se mistura ao medo, divertimento, alívio, raiva, repulsa e assim por diante, dependendo do que nos deixou surpreso, ou pode ser seguida por nenhuma emoção, se determinarmos que o evento surpreendente não tenha nenhuma consequência. (Ekman, 2007, p.148)<sup>30</sup>

Os olhos, a boca e as sobrancelhas são as três regiões a serem observadas mediante o surgimento de algo inesperado. “[...] as sobrancelhas são erguidas, os olhos são escancarados e a mandíbula se abre, separando os lábios”.<sup>31</sup> (Ekman, 1975, p.51). A sincronia desses movimentos se faz necessária para manter a naturalidade da expressão. Conforme observa Darwin. “[...] esses movimentos precisam estar coordenados, pois uma boca bem aberta e sobrancelhas apenas levemente erguidas produzem uma careta sem significado” (Darwin, 2009, p.239).

Existem quatro maneiras de expressar surpresa e todas elas variam em intensidade, conforme é possível observar nas figuras 2 e 3.

Figura 2 – Primeiro exemplo de Ekman para surpresa

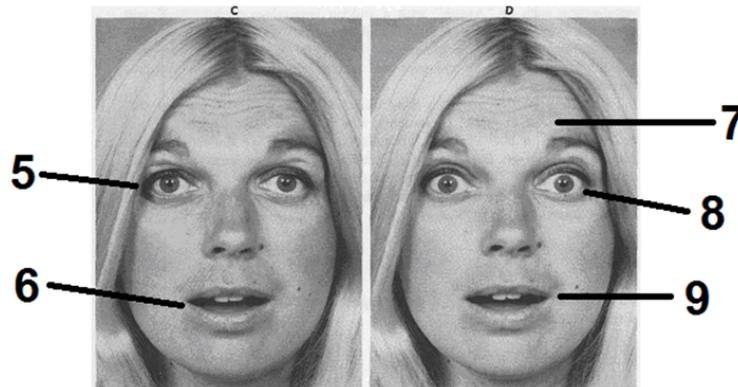


Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.55)

30. Tradução livre.

31. Tradução livre.

Figura 3 – Segundo exemplo de Ekman para surpresa



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.55)

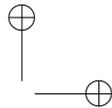
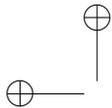
Na imagem 2, em A apresenta-se o que Ekman chama de *Questioning Surprise*<sup>32</sup>, caracterizada pela incerteza. Nesse tipo de manifestação apenas duas áreas do rosto são envolvidas, no caso os olhos (1) e a testa (2) (Ekman, 1975, p.57). Em B, *Amazed Surprise*, há uma mistura de surpresa com espanto, e duas áreas do rosto são acionadas, sendo os olhos (3) e a boca (4) (Ekman, 1975, p.57).

Na imagem 3, em C, a *Dazed Surprise* é indicada pela indiferença e apenas os olhos (5) e a boca (6) estão envolvidos na expressão (Ekman, 1975, p.57). Finalmente em D, as três áreas da face (testa, olhos e boca) são acionadas em uma expressão total de surpresa (7, 8, 9) (Ekman, 1975, p.57).

## Medo

Expresso nas mesmas regiões do rosto e com características semelhantes à surpresa, o medo pode ser entendido como a mais destrutiva das emoções. Enquanto a surpresa é breve, o medo pode ser duradouro e, se prolongado,

32. Termo exato utilizado no livro "*Unmasking the Face*" e diz respeito à surpresa seguida, provavelmente, de alguma pergunta.



transforma-se em terror. “O medo pode durar mais tempo; você pode conhecer a natureza do que o deixou com medo e ainda assim permanecer com medo”<sup>33</sup>. (Ekman, 1975, p.63). Se alguém conta para um aniversariante que haverá uma festa surpresa, a emoção pode deixar de ser sentida pelo simples fato de ter sido antecipada, mas com o medo isso não acontece. Se uma pessoa estiver dentro de um avião, sabendo que ele está prestes a entrar em queda, é bem possível que o medo continue a ser sentido.

O medo pode ter natureza física, psicológica ou ambas (Ekman, 1975, p.71) e sua variação depende da intensidade, que vai desde o receio em tirar sangue durante um exame médico ou o receio de ser agredido por algum desafeto. Essa emoção, segundo Darwin, é a que mais provoca mudanças físicas quando sentida. Sintomas como palidez da pele, batimentos cardíacos acelerados, tremores, falhas vocais e transpiração fria estão entre as principais características.

Os sinais faciais para o medo são emitidos na testa, nos olhos e na boca. Devido ao fato de medo e surpresa possuírem sinais semelhantes, o que dificulta na interpretação, Ekman aponta as principais diferenças de manifestação dessas duas emoções.

[...] Observe que na testa onde há medo, as sobrancelhas estão levantadas (1), assim como na sobrancelha de surpresa, mas além do levantamento elas estão juntas, de maneira que as partes internas (2) se aproximam mais no medo do que em surpresa. (...) Na testa onde se observa o medo, há rugas horizontais (3), mas elas não aparecem em toda a testa, como acontece em surpresa (4). (Ekman, 1975, p.64)<sup>34</sup>

A figura 4 demonstra as diferenças entre as sobrancelhas de surpresa (A) e medo (B) descritas acima:

---

33. Tradução livre.

34. Tradução livre.

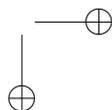
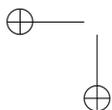
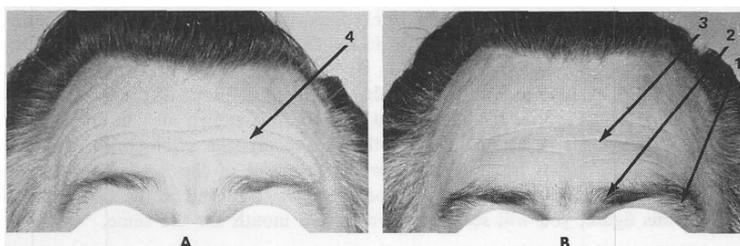


Figura 4 – Diferenças entre sobrancelhas de medo e surpresa



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.65)

A mesma semelhança de sinais ocorre na região dos olhos, conforme explica Ekman.

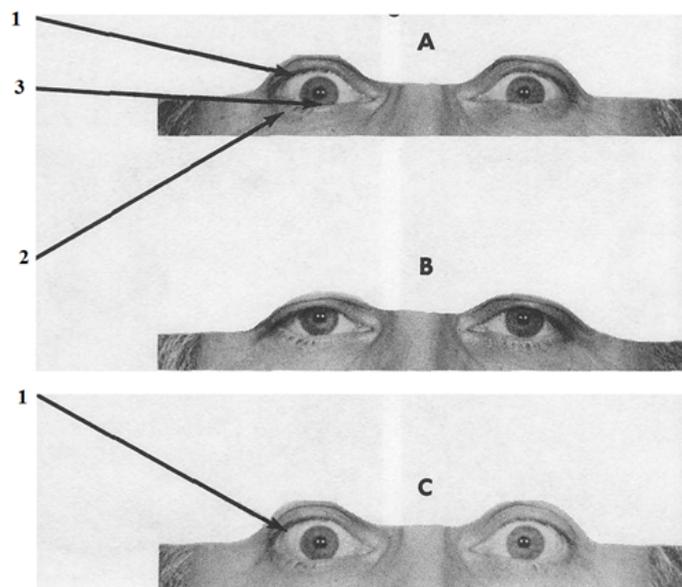
[...] Observe que tanto nos olhos do medo, quanto nos de surpresa, a pálpebra superior é erguida, expondo a esclera (parte branca do olho) acima da íris (1). Apesar do medo e da surpresa compartilharem essa característica, elas diferem em relação à pálpebra inferior, que é tensa e erguida durante o medo (2) e relaxada durante surpresa. A tensão e o levantamento da pálpebra inferior em medo, podem ser suficientes para cobrir parte da íris (3) (1975, p.66)<sup>35</sup>.

A figura 5 contempla as particularidades dos sinais de medo expressos nos olhos. Em A, está representada a expressão do medo, em B uma expressão neutra, para servir de comparação, e em C a expressão de surpresa.

---

35. Tradução livre.

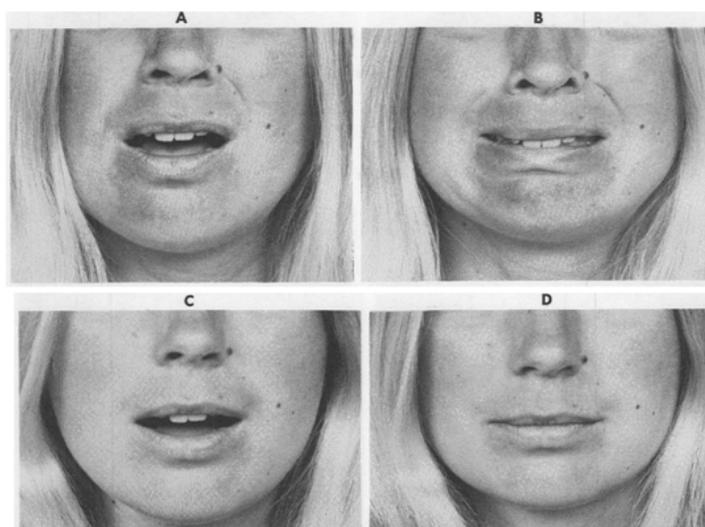
Figura 5 – O medo observado nos olhos



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.66)

A figura 6 mostra a comparação entre surpresa e medo na região da boca.

Figura 6 – Surpresa e medo quando manifestado na boca



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.67)

Em A e B, duas expressões diferentes que equivalem ao medo. Em C observa-se o aparecimento da surpresa e em D uma expressão neutra para ser comparada com as demais. Ekman explica que no medo (A), “[...] os lábios não estão relaxados como em surpresa; há tensão no lábio superior e o os cantos dos lábios são puxados para trás. No outro tipo de medo (B) os lábios ficam esticados e tensos com os cantos puxados para trás”. (1975, p.67)<sup>36</sup>.

## Raiva

Definida por Ekman como a mais perigosa das emoções e, frequentemente, ligada a sentimentos de frustração, a raiva pode variar em intensidade,

36. Tradução livre.

“de uma leve irritação ou aborrecimento para raiva ou fúria”<sup>37</sup> (Ekman, 1975, p.92). Trata-se de uma emoção que pode ser ocasionada por confronto de valores morais, expectativas frustradas, ataque verbal, físico ou psicológico, podendo ser direcionada não necessariamente a uma pessoa, mas a algum objeto ou acontecimento que gere frustração (Ekman, 1975, p.93). Na testa, a ação das sobrancelhas é muito semelhante aos sinais expressidos durante o medo, conforme é mostrado na figura 7.

Figura 7 – Diferença de ação na testa durante raiva e medo



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.96)

A raiva está representada à esquerda e o medo está à direita, é possível notar que na “raiva a sobrancelha se mostra caída, enquanto que no medo a sobrancelha é erguida”.<sup>38</sup> (Ekman, 1975, p.96), sendo essa a principal diferença na expressão.

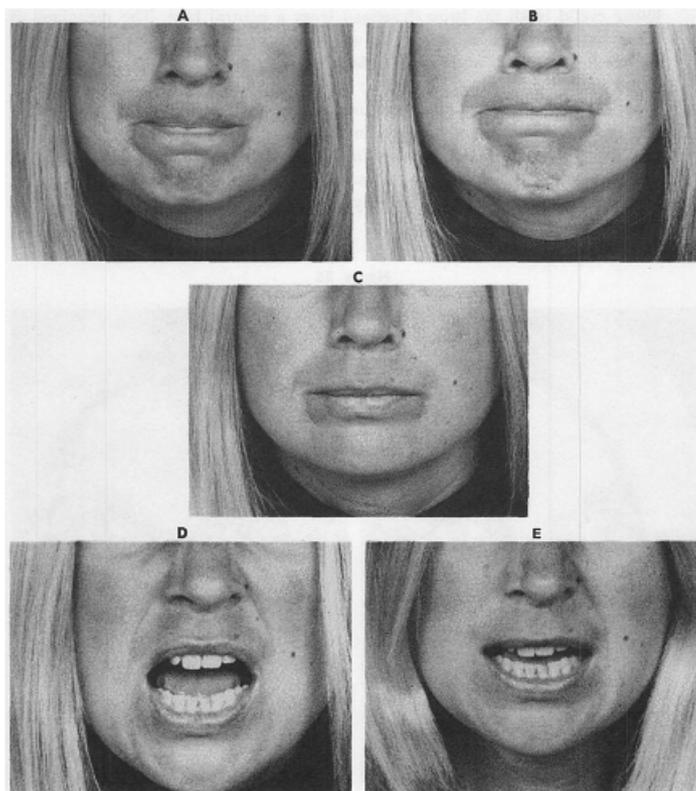
Ekman ressalta que a raiva é uma das únicas emoções que, se apresentada em apenas duas regiões da face, pode ter uma interpretação ambígua. Essa incerteza “pode ser reduzida pelo tom de voz, postura corporal, movimento das mãos ou palavras enunciadas, assim como o contexto em que a expressão surge”.<sup>39</sup> (Ekman, 1975, p.103). Durante a raiva, a região da boca também é uma das áreas estimuladas e apresenta características distintas, conforme pode ser observado na figura 8.

37. Tradução livre.

38. Tradução livre.

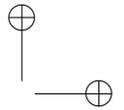
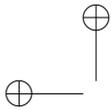
39. Tradução livre.

Figura 8 – Manifestação da raiva na região da boca



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.101)

Os lábios pressionados um contra o outro (A e B) sugerem que há a tentativa de controle verbal, enquanto que a raiva expressa com a boca aberta (D e E) ocorre durante a fala, em uma expressão verbal da emoção (Ekman, 1975, p. 101). Em C, a expressão neutra serve de comparativo para com as demais.



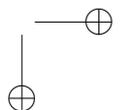
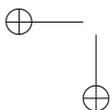
## Desgosto e desdém

Ambos relacionados ao sentimento de aversão, desgosto e desdém possuem uma diferença básica: o primeiro está relacionado a gostos, cheiros, toques, pensamentos, visões, sons, ações, aparência física, ideias, etc., enquanto que o segundo diz respeito apenas a pessoas e suas ações (Ekman, 1975, p.81). O que não quer dizer que o desgosto não possa ser direcionado contra pessoas, afinal ele também está ligado à reprovação de “ações, aparência física e ideias”, conforme citado acima. Ekman sugere que no desgosto a resposta mais comum é a vontade de se afastar daquilo que causa o sentimento de aversão (Ekman, 1975, p.80), enquanto que no desdém não há necessidade de se afastar ao que está causando a repulsa (Ekman, 1975, p.81).

Não é possível definir exclusivamente o que poderá causar repulsa, já que se trata de uma questão muito pessoal. Ekman define que “o que é repulsivo para pessoas em uma cultura, pode ser atrativo para pessoas em outra”.<sup>40</sup> (Ekman, 1975, p.80). A figura 9 apresenta expressões para dois tipos de desgosto.

---

40. Tradução livre.



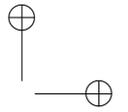
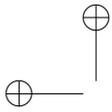
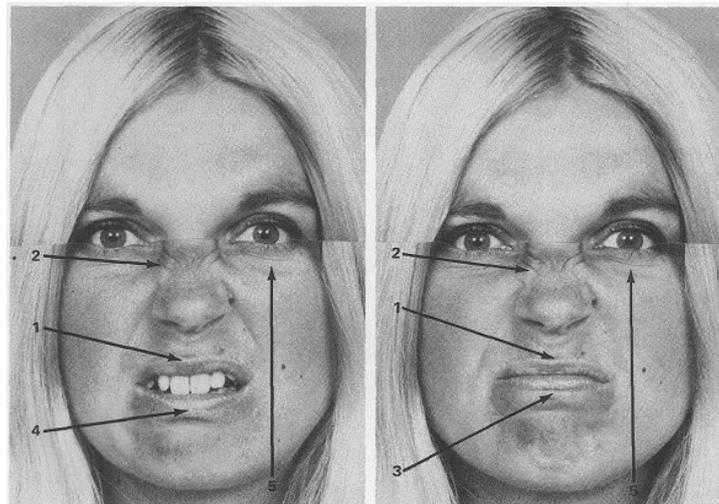


Figura 9 – Os dois tipos de desgosto



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.83)

Ekman explica que o levantamento do lábio superior (1) pode permitir o aparecimento de rugas (2), que poderão variar conforme a intensidade do desgosto. O lábio inferior pode se mostrar erguido e levemente protraído (4) e o levantamento das bochechas produz linhas abaixo do olho (5) (Ekman, 1975, p.82-83). Em desdém, as mesmas regiões da face são estimuladas. A figura 10 contempla três expressões de desdém.

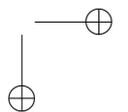
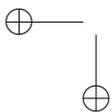
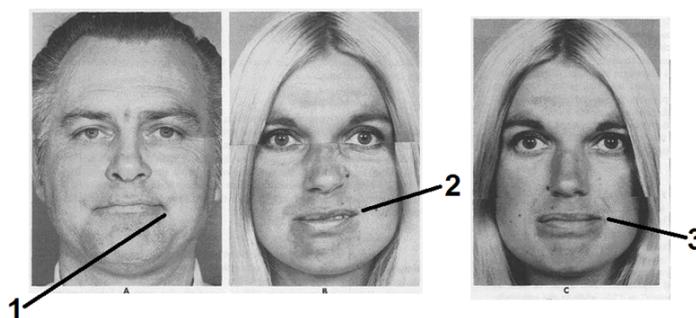


Figura 10 – Exemplo de Ekman para desdém



Fonte: *Unmasking the Face* (Ekman, 1975, p.86)

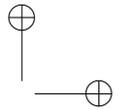
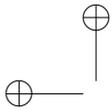
Ekman destaca os lábios unilaterais com levantamento em um dos cantos (1), o breve levantamento do lábio com exposição do dente, que adicionaria um tom de escárnio (2) e uma forma mais branda de desdém (3). (Ekman, 1975, p.85).

## Felicidade

Classificada como uma emoção positiva e associada aos sentimentos de realização, a felicidade difere de pessoa para pessoa na maneira como é sentida. Ekman distingue essa emoção em quatro estados, sendo eles o prazer, que ele relaciona a sensações físicas; o entusiasmo, despertado por algo interessante, que pode ou não dar fim a um estado tedioso; o alívio, relativo ao término de uma emoção negativa; e o *self-concept*<sup>41</sup>, relacionado à adoração vinda de terceiros. (Ekman, 1975, p.113-114-115).

A felicidade é mostrada na parte inferior do rosto, portanto está ligada ao ato de sorrir, o que não quer dizer que se uma pessoa está sorrindo ela automa-

41. Expressão sem tradução satisfatória na língua portuguesa. Ao definir o *self-concept* em relação ao sentimento de felicidade, Ekman explica que ele está ligado a algum acontecimento que reforça a visão que alguém tem sobre si mesmo, elaborando um parecer favorável de autoimagem. (Ekman, 1975, p.115)



ticamente experimenta a felicidade. O sorriso pode ser usado, por exemplo, para mascarar outras emoções (Ekman, 1975, p. 115) ou simplesmente ser mostrado por educação, quando não há nenhum sentimento de felicidade envolvido (Ekman, 2007, p. 204).

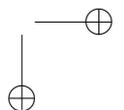
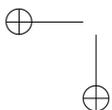
As pesquisas sobre os diferentes tipos de sorriso foram iniciadas no século XIX pelo neurologista francês Duchenne de Boulogne<sup>42</sup>. Ele descobriu que somente durante um sorriso verdadeiro a musculatura ao redor dos olhos é envolvida. Em caso de um sorriso educado ou controlado, apenas a boca participa da ação. Ekman observa que “A presença de uma gargalhada ou de um sorriso não indicam a intensidade da felicidade. Você pode estar extremamente feliz e não sorrir”.<sup>43</sup> (Ekman, 1975, p.115).

A figura 11 é de um dos trabalhos de Duchenne e mostra a diferença dos músculos envolvidos no sorriso. À esquerda, o sorriso estimulado por eletricidade e, à direita o sorriso natural, com envolvimento da musculatura da região dos olhos.

---

42. O trabalho de Duchenne é amplamente citado ao longo da tese de Darwin sobre as emoções. Ao utilizar eletricidade no estímulo de músculos faciais, Duchenne conseguiu mapear quais músculos são envolvidos durante o ato de sorrir. Sendo assim, ele conseguiu diferenciar anatomicamente quais são as características de um sorriso verdadeiro, daí surge a expressão “*Duchenne Smile*”.

43. Tradução livre.



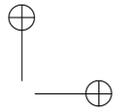
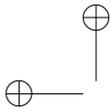
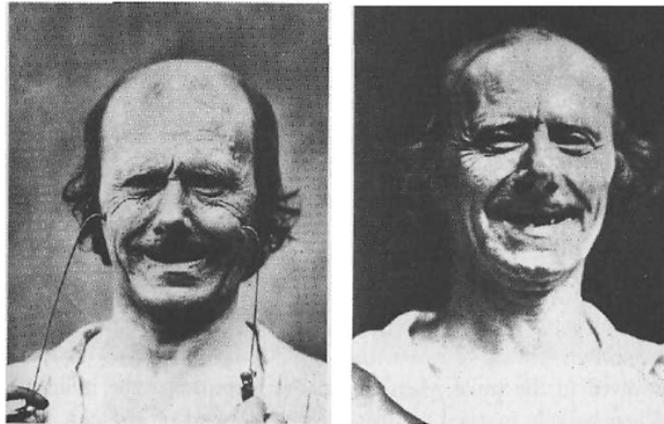


Figura 11 – Sorriso Duchenne



Fonte: Emotions Revealed, 2007, p.205

Ekman defende que os sinais faciais de felicidade são expressos pelos cantos dos lábios, que são puxados para trás e para cima. Eles podem ou não se separar e os dentes podem ou não ser expostos. O aparecimento de rugas se dá na região nasolabial<sup>44</sup> e nas bordas externas dos olhos. Pode se observar levantamento das pálpebras inferiores, porém, elas não demonstram tensão. (Ekman, 1975, p. 126). A figura 12 mostra duas expressões de felicidade, com as características descritas anteriormente.

44. A região nasolabial se apresenta no lado esquerdo e direito do rosto, em uma área que vai das laterais do nariz até cada um dos cantos da boca.

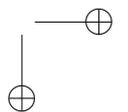
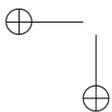
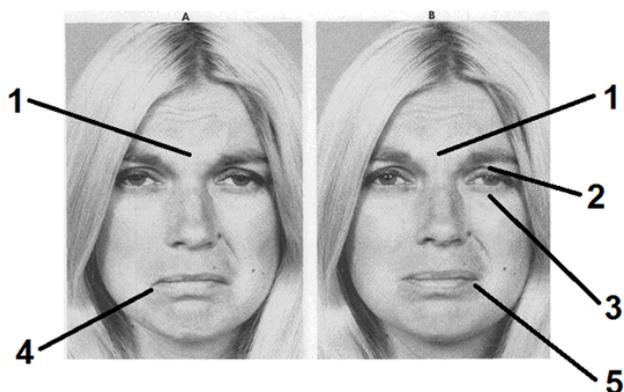


Figura 12 – Exemplo de Ekman para felicidade



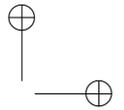
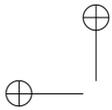
Fonte: *Unmasking the Face*, 1975, p.126

As emoções fazem parte da condição humana e como o próprio Ekman define, elas “determinam a qualidade das nossas vidas”.<sup>45</sup> (Ekman, 2007, xvii) e funcionam como uma espécie de alicerce para a nossa vida. A maneira como interagimos com a sociedade, em relações pessoais ou profissionais, é comandada pelas reações que demonstramos em determinadas situações. Emoções não podem ser desligadas e felizmente ou não, é impossível viver sem elas. “A vida seria monótona, menos substancial, menos interessante e provavelmente menos segura se tivéssemos o poder de fazer isso”<sup>46</sup>. (Ekman, 2007, p.42)

Parte da pesquisa sobre as emoções aqui relatada foi utilizada como base para a construção dos roteiros da série *Lie To Me*. Como consequência disso, há a contribuição na divulgação dos estudos científicos aqui apresentados. Embora o programa tenha foco na descoberta da mentira, conhecer os sinais faciais e as características de cada emoção é fator indispensável para a análise que será apresentada a seguir.

45. Tradução livre.

46. Tradução livre.



## As emoções em *Lie to me*

Foram analisados apenas os casos em que o personagem principal (Cal Lightman) participa nos cinco episódios selecionados, já que a figura do cientista está atribuída a ele. Devido à restrição de espaço, a discussão apresentada a seguir destaca somente o episódio piloto, o qual foi analisado integralmente, ao contrário dos demais. O episódio Piloto é o único da primeira temporada que apresenta cinco das seis emoções<sup>47</sup> e também é o que mais dialoga com os estudos científicos de Paul Ekman. Nos quatro primeiros minutos da série, como forma de apresentação do tema, o cientista Cal Lightman ministra uma palestra para, o que parece ser, um grupo de policiais leigos no assunto. Essa escolha narrativa se mostra eficaz, pois é através dos questionamentos do público que assiste ao evento que também são sanadas dúvidas que poderiam ser dos telespectadores. No vídeo mostrado durante a palestra, Lightman interroga um suspeito que é acusado de plantar uma bomba em uma igreja de um subúrbio negro.

Lightman: – A ATF está vasculhando duas das maiores igrejas do estado. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 01min02seg)

---

47. Embora a raiva seja citada em alguns momentos, não existe nenhuma expressão ou explicação de conceitos a respeito dessa emoção durante o episódio piloto.

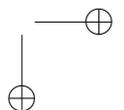
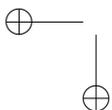


Figura 13 – Expressão de felicidade



Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 02min19seg

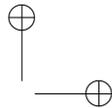
Ele atenta para a reação do suspeito, mostrada na figura 1 e logo explica:

Lightman: – Vocês acabam de ver uma breve expressão de felicidade que ele fez de tudo para esconder. Ela durou menos de um quinto de segundo. É o que chamamos de microexpressão. Agora olhem para a boca dele. O suspeito está contente com os locais que revistamos o que me diz que escolhemos errado<sup>48</sup>. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 02min06seg)

A cena funciona como uma aplicação prática do estudo, pois o conceito de microexpressões tem uma definição fiel dentro da fala do cientista. Ekman (2003, p.15) explica que microexpressões são “(...) movimentos faciais muito rápidos, que duram menos de um quinto de segundo [e] são uma importante fonte de vazamento, revelando a emoção que a pessoa está tentando dissimular”.

Uma das perguntas da plateia ajuda a esclarecer um dos aspectos observados em surpresa:

48. A captura da expressão não se mostra totalmente clara pois, na série, é utilizado o recurso de *slow motion* para mostrar a microexpressão.



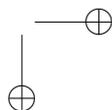
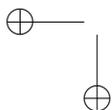
– Quando você acusa um suspeito e ele fica surpreso, há como dizer se é real ou se ele está dando uma de inocente? (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 02min38seg)

Para exemplificar, Lightman atira uma caneca contra a parede e ela se quebra, fazendo um barulho alto. A plateia se assusta e ele explica:

– Isso é surpresa de verdade. Dura menos de um segundo no rosto. Mas se a expressão de surpresa dura mais de um segundo, é fingimento. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 02min47seg)

Novamente o conceito científico está aplicado adequadamente, pois Ekman (2007, p.148) classifica a surpresa como a mais breve das emoções e atenta para a sua duração instantânea, exemplificada no experimento realizado pelo cientista da ficção.

A segunda microexpressão mostrada no vídeo do interrogatório é o desdém disfarçado e o personagem Lightman não explica nenhum dos aspectos característicos, apenas faz sua identificação. Nesse caso, o cientista poderia ter explicado que a frustração do suspeito ao ter seu plano descoberto resultou no aparecimento do desgosto, afinal essa emoção está ligada ao sentimento de aversão.



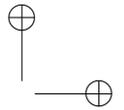
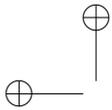


Figura 14 – Aparecimento do desgosto



Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 03min05seg

A universalidade das expressões é retratada na continuação da cena, quando um dos integrantes da plateia pergunta:

– As microexpressões não variam de pessoa para pessoa? (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 03min17seg)

Lightman estabelece uma linha de comparação e apresenta fotos de pessoas famosas. A figura 19 mostra comparações relacionadas ao desgosto e a figura 20 ao desdém.

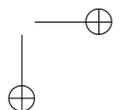
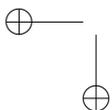


Figura 15 – Comparação de desgosto

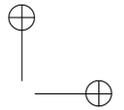
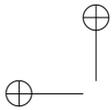


Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 03min34seg

Figura 16 – Aparecimento do desdém



Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 03min42seg



Lightman: – Essas expressões são universais. A aparência das emoções é a mesma, quer você seja uma dona de casa ou um homem bomba. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 03min44seg)

A ideia de que a expressão das emoções é universal e não varia culturalmente foi testada por Darwin, sendo a base fundamental de sua teoria. Ekman inicialmente não compartilhava desse conceito e colocou essa ideia à prova logo no início de suas pesquisas. Em *Lie To Me*, a escolha por mostrar as expressões faciais de personalidades políticas e do entretenimento ajuda a reforçar e sintetizar a universalidade, se prolongando durante alguns episódios da primeira temporada. Esse recurso funciona como uma espécie de validação da teoria, que além de aproximar o telespectador dos estudos, ajuda na melhor identificação de certas expressões.

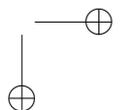
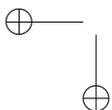
## Apresentação do primeiro caso

Lightman e Foster vão até a escola Northwest, a pedido do prefeito, para investigar o caso de um estudante, James Cole, acusado de assassinar uma professora de ensino médio, Susan McCartney. O suspeito tem 16 anos e a promotoria insiste em julgá-lo como adulto, porém o prefeito só irá concordar com a prisão perpétua, e com o julgamento, se for comprovada a premeditação do crime. A evidência principal é a de que James foi visto, por dois policiais, enquanto fugia do local do crime.

Os dois cientistas vão até a escola e entrevistam os colegas de James, a fim de coletar impressões a respeito do comportamento dele. Lightman fica intrigado com Jacquelin Mathis, uma das estudantes que apresenta sinais de ansiedade durante sua declaração, mas aparentemente não possui nenhum envolvimento com o suspeito ou com o caso.

Na segunda ida à casa dos pais de James, a mãe entrega para os cientistas uma porção de fotos tiradas pelo adolescente, dando a entender que ele observava a vida da professora há algum tempo. Essa evidência poderia comprovar a premeditação, no entanto, através da análise da linguagem corporal de uma das fotografias, Lightman descobre que a professora manteve uma discussão com alguém que estava no interior de um veículo.

A dona do carro é a adolescente, Jacquelin Mathis, que está grávida e mantinha um relacionamento secreto com o diretor da escola. A professora



descobriu o relacionamento dos dois e ameaçou denunciá-los, sendo esse o motivo do crime. Ao final do episódio o diretor da escola é preso e acusado pelo assassinato.

Durante a investigação da premeditação do crime, Lightman analisa o vídeo de James após o primeiro interrogatório e identifica a expressão de tristeza quando ele responde a uma pergunta sobre a morte da professora.

Figura 17 – Expressão de tristeza



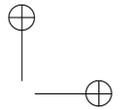
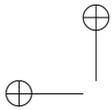
Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 09min33seg

Lightman: – Sobrancelhas oblíquas (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 09min33seg)

Foster: – Tristeza. Por que ele estaria escondendo tristeza por ela? (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 09min34seg)

Embora o julgamento da expressão esteja de acordo com uma das características de tristeza, isso não quer dizer que o personagem estivesse, tentando dissimular a expressão, conforme sugere Foster. Segundo a teoria de Ekman, os movimentos expressivos são involuntários, portanto fogem do controle da vontade.

Em busca de uma nova integrante para o time de cientistas, Lightman e Foster vão testar Ria Torres no aeroporto em que ela trabalha como segurança.



Lightman simula ansiedade e apresenta uma expressão parcial de medo, que pode ser observada na figura abaixo.

Figura 18 – Expressão parcial de medo

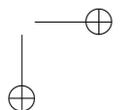
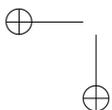


Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 15min28seg

Não há explicações técnicas a respeito da expressão, mas ela está em acordo com as características que descrevem o medo. As extremidades internas das sobrancelhas aproximadas, há o levantamento da pálpebra superior e a breve exposição da parte branca do olho (esclera). A contratação de Torres, cujo julgamento de expressões é definido como um talento natural, se mostra um recurso narrativo que justifica a constante explicação de aspectos científicos dentro da série. A personagem, que não possui treinamento, representa os telespectadores, que aprendem os conceitos junto com ela.

Lightman vai até a casa de James para conversar com os pais dele, que declaram sempre ter protegido o filho de pessoas com valores morais questionáveis. A família, que é bastante religiosa, se mostra incomodada com a atitude do cientista, quando insinua que poderia ser o pai de James quem assassinou a professora:

– Há alguma coisa que não faria para proteger o seu filho dos sem-fé? (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 20min17seg)



Irritado com a declaração, o pai ordena que Lightman deixe a residência e a microexpressão de desgosto é mostrada rapidamente no rosto dele:

Figura 19 – Microexpressão de desgosto



Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 20min37seg

Tanto desgosto quanto desdém se relacionam com o sentimento de aversão, nesse caso, o aparecimento da expressão se mostra coerente com a ação do personagem, já que o desgosto também surge quando há desaprovação de ações e ideias (Ekman, 1975, p.81). Nessa situação também poderia ser expressa a raiva ou o desdém, pois essas emoções também possuem ligação com o confronto de valores morais.

Na montagem final de cenas, Lightman anda pela rua e a câmera foca em diálogos e expressões de pessoas desconhecidas, que podem ser observadas nas figuras 20 e 21.

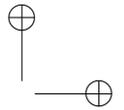
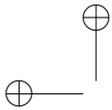
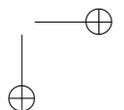
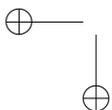


Figura 20 – Desdém nas cenas finais 1



Fonte: (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 45min24seg)

– Que bom que vamos passar férias com a sua família. Seus pais são ótimos. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 45min19seg)



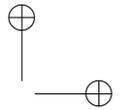


Figura 21 – Desdém nas cenas finais 2



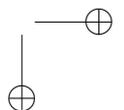
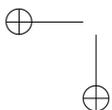
Fonte: (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 45min33seg)

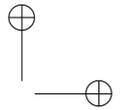
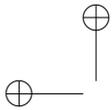
– Eu nem queria ser promovida. É uma pena que o despediram.  
(*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 45min29seg)

## Apresentação do segundo caso

O *Lightman Group* é contratado para investigar um congressista, Zeb Weil, que é presidente do comitê de ética e possui uma carreira política que demorou vinte anos para ser construída. Ele está prestes a ser acusado de pagar por sexo e frequentar, todas as sextas-feiras, um clube que oferece o serviço de acompanhantes de luxo. Gillian Foster e Ria Torres ficam encarregadas de verificar o caso e comprovar sua veracidade antes que a informação seja veiculada pela imprensa.

Durante o primeiro interrogatório os cientistas observam expressões de vergonha quando perguntam ao congressista sobre a ida dele ao clube. Sem conseguirem declarações substanciais, Torres decide procurar Melissa, a suposta acompanhante envolvida no escândalo. O caso é encerrado quando a história vaza para a imprensa e Torres e Foster descobrem que Zeb é pai de Melissa.





Torres vai até o clube para procurar Melissa e, durante a conversa, observa um sorriso na face da acompanhante (figura 22) quando ela fala que seu horário de sexta-feira está preenchido.

Figura 22 – Sorriso verdadeiro



Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min18seg

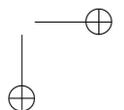
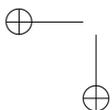
Quando se reporta para Foster, ela questiona:

– Havia rugas ao redor dos olhos quando ela sorriu? (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min16seg)

Torres: – Havia. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min19seg)

Foster: – Então foi real. Em sorrisos falsos não há rugas. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min20seg)

A descoberta do estímulo da musculatura ao redor dos olhos é atribuída ao neurologista Duchenne de Boulogne. O sorriso é uma das características de felicidade, sendo as rugas ao redor dos olhos o principal indício de um sorriso verdadeiro. No caso de um sorriso falso, apenas a boca é envolvida, o que mais uma vez demonstra a preocupação em retratar os detalhes das descobertas científicas.



Quando o escândalo é veiculado pela imprensa, Foster assiste ao noticiário e observa a expressão de desgosto no congressista quando perguntam para ele há quanto tempo ele mantinha relações com a acompanhante.

Figura 23 – Expressão de desgosto

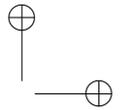
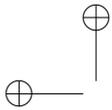


Fonte: *Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min48seg

Foster: – Veja o desgosto dele. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min48seg)

Torres: – Mas não é com ele mesmo. Parece estar enojado com a ideia de fazer sexo com ela. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 33min49seg)

O desgosto é caracterizado pelo levantamento do lábio superior e a movimentação dos músculos nasolabiais, que produzem rugas nas regiões direita e esquerda do nariz. Na parte inferior da face é possível observar um dos aspectos observados em tristeza, que é o rebaixamento dos cantos da boca. Nenhuma relação com essa emoção é feita durante a cena em que o caso é avaliado. Ekman, (1975, p.135) cita que é possível a mistura dessas duas emoções, porém “quando a tristeza se mostra apenas na boca (sem envolvimento das pálpebras ou sobrancelha), a expressão facial se mostra ambígua.



Através da observação de Torres sobre a expressão mostrada pelo congressista a investigação toma outro rumo e eles passam a excluir o envolvimento sexual dos dois. Os cientistas descobrem a relação de parentesco entre Zeb e Melissa por causa de um cadastro efetuado por ele em um site da internet que reconecta pais biológicos a filhos entregues para adoção. A ideia de que a leitura facial e corporal é fantasiosa, bem como a contestação do trabalho de Cal Lightman, é evidenciada no episódio piloto em dois momentos. O primeiro acontece durante o interrogatório do suspeito de armar uma bomba em uma igreja. Um agente do FBI diz:

– Não temos tempo para esse cientista. Já o interrogamos [o suspeito] por quatro horas e nada. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 00min52seg)

A fala acima dá a entender que a utilização do trabalho do cientista é feita como último recurso e, portanto, dispensável. O que se mostra, no entanto, é o contrário, já que Lightman é o único que consegue descobrir em qual igreja estava a bomba plantada pelo suspeito. A segunda contestação da ciência acontece em um debate direto, em que o promotor assistente Hutchinson diz:

– Pessoalmente, eu acho o seu trabalho uma piada. Uma palhaçada. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 09min57seg)

Lightman, que já estava observando a interação de Hutchinson com sua colega de trabalho desde o momento que foram apresentados, faz uma análise verbal da linguagem corporal dos dois, mostrando evidências de que eles mantinham um caso extraconjugal, deixando Hutchinson sem palavras. Logo no começo do episódio, o personagem Cal Lightman diz:

– Estatisticamente falando, uma pessoa comum conta três mentiras a cada 10 minutos de conversa. (*Lie To Me*, 2009, episódio 1, 00min38seg)

Informações a respeito dessa sentença não foram encontradas nas obras de Paul Ekman analisadas. No *site* oficial da série essa informação é reforçada, conforme pode ser observado na figura 28, porém não há indícios sobre sua veracidade ou em que essa afirmação se baseia

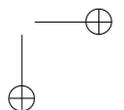
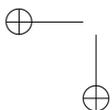
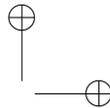
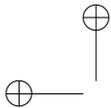


Figura 24 – Site oficial de *Lie To Me*

Fonte: [www.fox.com](http://www.fox.com)

Durante a palestra no início do episódio, duas pessoas da plateia comentam entre si que Lightman passou três anos estudando sobrancelhas em tribos isoladas da selva africana. Esta é uma provável referência a Paul Ekman, que estudou tribos isoladas em diversos continentes, porém não há menção na obra do autor sobre um estudo específico relacionado a sobrancelhas. Quando Torres é contratada para trabalhar, Lightman pede para que Loker a inicie no sistema de código facial do *Lightman Group*. Paul Ekman criou, em 1978, o Facial Action Coding System (FACS), um sistema de leitura de emoções feito por computador e essa cena evidencia a preocupação dos produtores da série em apresentar informações verdadeiras e detalhadas no que diz respeito à obra de Paul Ekman.

Foster comenta que o teste do polígrafo “apenas diz que alguém se sente culpado, mas não pelo quê”. No site oficial da série, Paul Ekman mantinha um blog em que, ocasionalmente, comentava um pouco da ciência contida



na série<sup>49</sup>. Ele observa que a personagem Foster “descreve com precisão o problema do polígrafo”<sup>50</sup>.

## Considerações finais

A análise buscou verificar se as informações apresentadas sobre as seis emoções básicas se mostravam condizentes com os estudos do psicólogo norte-americano Paul Ekman. Constatou-se que o estudo científico foi apresentado sem distorção dos conceitos que envolvem as seis emoções básicas. Os resultados observados na análise reafirmam a possibilidade da divulgação científica através da ficção, sempre com a ressalva de que o conteúdo ficcional serve para estimular o interesse sobre o assunto e não substituirá a necessidade de busca de informações mais aprofundadas.

No blog oficial da série, Ekman deixa claro que o programa é largamente baseado em suas descobertas científicas, porém, como é “um drama e não um documentário (...) as mentiras são descobertas mais rapidamente e com mais precisão do que a realidade”<sup>51</sup>. Essa fala, que reforça o fato de que a ficção científica visa primeiramente ao entretenimento, se conecta com o discurso de Piassi e Pietrocola (2009, p.3) sobre “aquilo que um cientista consideraria um erro pode constituir uma estratégia narrativa fundamental para que a história atinja o efeito pretendido pelo autor”.

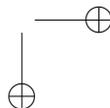
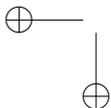
Na série, os conceitos científicos sobre o estudo das emoções são trabalhados fielmente, porém apenas a apreciação deste, ou qualquer outro programa baseado em estudos científicos, não torna o telespectador um profundo conhecedor de teorias. *Lie To Me* pode aumentar as expectativas do telespectador e instigar ao conhecimento aprofundado, que só será possível a partir da consulta da teoria que deu base ao seriado.

A democratização do conhecimento científico, que é um dos pressupostos da divulgação científica (Bueno, 2010, p.5), pode ser observada em *Lie To Me*

49. Os comentários do psicólogo e consultor da série podem ser lidos no site: <http://community.fox.com>.

50. <http://community.fox.com> Após o comentário do psicólogo há um link que redireciona para uma newsletter que apresenta mais informações sobre assunto. A newsletter não está mais disponível para consulta.

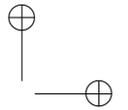
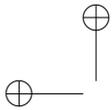
51. Tradução livre. Ressalva do psicólogo disponível em: <http://community.fox.com>.



a partir da simplificação da linguagem científica e do uso de recursos que facilitam a identificação das expressões. Na abordagem da ciência, é importante lembrar que a mensagem em televisão é formada por texto e imagem, portanto esta pesquisa também observou se o seriado faz bom uso desse recurso. Os sinais de emoção, que aparecem na face, precisam de certo destaque, por esse motivo a série apresenta imagens estáticas, em movimento e, às vezes, em *close* do rosto, para deixar claro ao telespectador o que o cientista enxerga. As imagens são apoiadas pelo texto científico, que apresenta os aspectos específicos de cada emoção, permitindo ao telespectador entender o conceito e observar como ele é aplicado a partir dessa combinação entre texto e imagem. A série também aposta na exploração de outros temas ligados ao estudo das emoções. Nos episódios analisados que não possível discutir aqui surgiram, entre outros assuntos, a universalidade das expressões, no que consistem os gatilhos emocionais e os aspectos das microexpressões.

## Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. 3. ed., Lisboa: Ed. 70.
- Bueno, W.C. (2010). Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Inf. Inf.*, vol. 15, n°. esp.: 1-12, Londrina.
- Darwin, C. (2009). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ekman, P. (2007). *Emotions revealed: recognizing faces and feelings to improve communication and emotional life*. 2.ed. New York: St. Martin's Griffin.
- Ekman, P. & Friesen, W.V. (1975). *Unmasking the Face: a guide to recognizing emotions from facial expressions*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Ekman, P. (1992). *Telling Lies: clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage*. New York: W. W. Norton & Company Inc.
- James, W. (s.d.) *What is an emotion?*. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca>. Acesso em 16/09/2010.
- LIE TO ME, episódio 1: Pilot. Direção: Robert Schwentke. Produção: Jeffrey Downer, Brian Grazer, David Nevins e Samuel Baum. Estados Unidos: Imagine Television e Fox, 2009, 47 min.



Piassi, L.P. & Petrocola, M. (2009). Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de ‘encontrar erros em filmes’. *Educação e Pesquisa*, vol. 35, n° 3: 525-540, São Paulo, set./dez.

